



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE: JAIR TATTO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 11/05/2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Grafia(s) não confirmada(s)
- Orador não identificado
- Intervenção simultânea ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone
- Documento lido a ser encaixado pela Secretaria da Comissão

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Boa noite. Declaro abertos os trabalhos da sétima audiência pública do ano de 2017, em atendimento ao Requerimento 25/07, de minha autoria, aprovado na Comissão de Finanças no dia 05/04/17, com o objetivo de tratar da implantação, no final da gestão passada, da ciclovia que tem início na Rua General Serra Martins e segue até a Avenida Bosque da Saúde, altura do nº 1091, e a implantação da faixa de ônibus na Avenida Cursino.

Gostaria de convidar para fazer parte da Mesa os Srs.: Anis Kfourir Jr., Diretor Superintendente da Associação Comercial Distrital Sudeste; Rodrigo Sartoratto de Alencar, representante do Presidente da SPTrans; Benedito Mascarenhas, Prefeito Regional da Vila Mariana; Amândio Martins, Prefeito Regional do Ipiranga; Fátima Marques Fernandes, Prefeita Regional do Jabaquara; Samir Cury, Vice-Presidente da Associação Comercial de São Paulo; Giacinto Cosimo Cataldo, Vice Presidente e Coordenador Regional Sul das Sedes Distritais da Associação Comercial de São Paulo.

A Sra. Susana Leite Nogueira, representante do Presidente da CET, está sendo aguardada.

Gostaria de cumprimentar o Sr. Marcos Augusto Barbulho, Presidente do Conseg Sacomã; o Sr. Augusto Vicente Esteves, integrante do Conseg Sacomã; Sr. Ronaldo Yuzo Ogasawara, Presidente do Conseg da Vila Clementino/Saúde.

Esta audiência pública vai ser dividida em duas partes: na primeira, vamos discorrer e debater a respeito da faixa de ônibus da Vila Cursino. O primeiro a falar será o representante da SPTrans, Sr. Rodrigo Sartoratto de Alencar; depois, franquearemos a palavra aos membros da Mesa e, no final, às pessoas inscritas. O segundo tópico da reunião diz respeito à questão da ciclovia aqui na Avenida Bosque da Saúde.

Nós só estamos discutindo a ciclovia na Avenida Bosque da Saúde, apenas.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Não dá para discutir o bairro. Se fôssemos discutir, precisaríamos um dia inteiro. Não há possibilidade, porque o requerimento que foi aprovado, na comissão, foi voltado exatamente para a questão da ciclofaixa na Avenida Bosque da Saúde. É a segunda audiência pública pertinente a essa questão. Só por isso.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Poderemos eventualmente aprovar um outro requerimento, e aí poderemos abranger outras ciclofaixas, ciclovias na Vila Mariana de uma maneira geral, mas, por enquanto, o requerimento não permite essa abrangência.

Preliminarmente já agradeço o nosso anfitrião, Sr. Anis Cury, Presidente e diretor-superintendente da Associação Comercial Sudeste, que gentilmente nos cedeu esse local, como sempre vem cedendo.

Tem a palavra o Sr. Anis Cury.

O SR. ANIS CURY – Sr. Presidente, a minha primeira palavra é no sentido de dizer que esta Casa é também uma Casa da cidadania.

Sr. Presidente, se V.Exa. me permite, eu quero quebrar o protocolo, e a minha primeira saudação é fazer aos senhores e senhoras aqui presentes, que demonstram a preocupação com a Cidade e que demonstram a preocupação com a melhoria das nossas questões, participando ativamente de uma audiência pública.

Na condição de superintendente, Sr. Presidente, quero, em primeiro lugar, cumprilo pela iniciativa, de propor a audiência pública. Digo que é uma grande alegria para a associação comercial receber V.Exa. e receber a população, para que a gente possa debater temas dessa relevância, mas não posso deixar de cumprimentá-lo pela iniciativa, pela proposta, e saiba que esta Casa está sempre de portas abertas para os trabalhos da nossa Câmara Municipal.

Quero fazer uma consideração também, cumprimentar o Sr. Rodrigo Sartorato, que nos presenteia com sua presença, representando o Sr. José Carlos Martinelli, da SPTrans; e o estimados e atuante Prefeito, Sr. Amândio Martins. Quero cumprilo pelo seu trabalho. S.Exa.

já nos recebeu, publicamente. Quero reconhecer o seu empenho e o seu trabalho. Quero cumprimentar o Sr. Benedito Mascarenhas, o nosso Prefeito também aqui. Benê, parabéns pelo seu trabalho, sempre muito atuante. Quero cumprimentar também e registrar aqui a presença da Sra. Fátima Marques, Prefeita Regional do Jabaquara, e consignar o trabalho de V.Exa., que, mesmo gripada e doente, participou de uma reunião. Eu fui testemunha, tanto que a primeira coisa que lhe fiz hoje foi perguntar se estava melhor, e vejo o seu sorriso. Registro também os meus cumprimentos ao Sr. Eduardo Odloak, Prefeito da Sé, que infelizmente não pôde estar presente, mas conversei com S.Exa. hoje por telefone, e se colocou à disposição para todas as reivindicações desta Casa. Cumprimento o Capitão da PM, Sr. Rômulo, que tem sido um grande companheiro nosso, ajudando nas questões de segurança da Cidade e cumprimento, faço uma menção especial a todos os meus conselheiros, aos diretores, aos membros da associação comercial e aos nossos funcionários, bem como os funcionários da Câmara Municipal de São Paulo.

Hoje à noite é para V.Exas. falarem. O que eu devo mencionar aqui, posso dizer, com a presença ilustre que nós temos aqui, do Sr. Cataldo e do Sr. Samir, que são dois dos nossos Vice-Presidentes, com profunda atuação e conhecimento aqui. Está aqui também presente o Sr. Chapina, querido Chapina, que é o empresário do bairro, um líder atuante. Em nome do Sr. Chapina, eu tenho tantas pessoas talentosas que eu gostaria, para não ocupar o tempo das demais pessoas, saudar todos os meus conselheiros, porque, sem os senhores, nós não faríamos a gestão que nós faremos. É graças a esse trabalho conjunto, coletivo, que a gente consegue desenvolver esse resultado. Quero cumprimentar também os funcionários da associação, os funcionários da Câmara Municipal e deixar uma mensagem aos senhores aqui presentes: Esse é um evento realizado pela Câmara Municipal de São Paulo, de autoria, proposição do Vereador Aurélio Nomura, que foi aprovado pela Comissão de Finanças e Orçamento da Câmara Municipal, e que, portanto, tem validade e opinião de V.Exas. para as proposituras legislativas. A associação comercial, com muita alegria, recebe-os de braços

abertos, para que a gente possa, na nossa casa da associação, promover esse debate.

Eu queria desejar a V.Exa., nobre Vereador, e a toda equipe um profícuo trabalho. A casa está sempre à disposição de V.Exa., e desejo que nós possamos, em conjunto, achar as melhores alternativas, para que a nossa Cidade e a nossa convivência possa ser a melhor possível. Afinal de contas, eu tenho certeza de que todos nós temos orgulho da nossa Cidade e temos uma grande alegria, de poder contribuir para a melhoria.

Se V.Exa. me permite, vou fazer apenas uma menção: Certa vez, um jovem adolescente, na praia, cheia de estrelas do mar, pegando sol, esturricando e morrendo embaixo do sol, pegava cada estrela do mar e jogava de volta para o mar. Incrível, Benê, uma estrela, e havia milhares de estrelas, e nisso passa um senhor, nobre Vereador Aurélio Nomura, e diz o seguinte: “Garoto, você não vê que você não vai melhorar nada? Você vai jogar uma estrela ao mar de volta para o mar, que está debaixo do sol, mas existem milhares. Você nunca vai resolver esse problema”, e o menino, com a sua perseverança, pegou mais uma estrela do mar e a jogou de volta ao mar e disse: “Talvez eu não mude o mundo, mas para essa estrela eu fiz a diferença”; e é com esse pensamento que eu acho que nós devemos nortear os nossos trabalhos desta noite. Cada um com a sua contribuição pode fazer a construção de uma Cidade melhor.

Parabéns pela iniciativa, parabéns às autoridades públicas que estão aqui presentes, conversando com a população, demonstrando que realmente exercem, com seriedade, a função pública. Desejo a S.Exas. parabéns primeiro e muito sucesso, para que a gente possa buscar as nossas melhorias.

Muito obrigado, nobre Vereador. Sejam sempre bem-vindos aqui. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Gostaria de convidar também fazer parte aqui da mesa a Sra. Soninha, que faz parte também da Comissão de Finanças e Orçamento.

Vou franquear a palavra aos membros aqui da mesa. Se alguém quiser fazer uso da palavra.

NÃO IDENTIFICADO - Alô. Boa noite. Só venho agradecer a presença de todos aqui no território da Vila Mariana e agradecer o Sr. Presidente, Sr. Aurélio Nomura, por essa iniciativa, o Anis cedeu o espaço da associação, que já é um espaço tradicional para os eventos, que já faz parte do calendário dos eventos na região. Muito obrigado, Anis.

Quero cumprimentar a Vereadora Soninha Francine, nossa sempre Secretária de Assistência e Desenvolvimento Social, que agora retornou à Câmara. É um prazer tê-la aqui. Cumprimento também o Amândio, Prefeito Regional do Ipiranga; a Fátima, Prefeita Regional do Jabaquara; o Rodrigo, que vai nos apresentar todas as informações sobre o tema.

Mais uma vez, agradeço e coloco a Prefeitura Regional da Vila Mariana à disposição. Quero poder contar com a colaboração e participação de todos. Como disse o Anis, se cada um der uma mínima contribuição, com certeza, vai ajudar a mudar, a transformar e a melhorar o nosso território da Vila Mariana, Saúde e Moema.

Estamos aqui mais para ouvir do que falar. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. RODRIGO SARTORATTO DE ALENCAR – Boa noite a todos. Em nome do nosso Presidente, Sr. Luiz Carlos Martinelli agradeço o convite do Vereador Aurélio Nomura e ao Sr. Anis, que gentilmente nos cedeu o lugar. Como o Sr. Luiz Carlos não pôde comparecer hoje por compromissos anteriormente agendados com o Secretário Avelleda, estou aqui representando a SPTrans.

Sobre o tema específico desta audiência pública, as faixas exclusivas, em especial a da Avenida do Kursino, esse programa começou a ganhar maior intensidade na última gestão, atingindo mais de 400 quilômetros, entre faixas exclusivas e corredores de ônibus, espalhados pela Cidade. Especificamente sobre essa faixa exclusiva da Avenida do Kursino, ela começou operar em abril de 2015 e agora tem uma extensão aproximadamente de três quilômetros e comporta 16 linhas de ônibus que atendem a quase 60 mil pessoas diariamente. Não só nessa faixa, mas em todas as faixas exclusivas implantadas em São Paulo, houve um ganho considerável de velocidade em benefício do passageiro do transporte público. No geral,

na rede como um todo, foi verificada uma redução de até 20 minutos por tempo de viagem no transporte coletivo em 2015; especificamente nessa faixa, temos que fazer uma averiguação um pouco mais detalhada, mas o tempo economizado na viagem gira em torno de oito a dez minutos. Mas isso tem que ser mais detalhado.

Não só essa faixa, tema desta audiência pública, mas qualquer outra demanda que tenha relação com o transporte público na região, a SPTrans está sempre aberta a receber solicitações. Temos uma assessoria de articulação comunitária específica para isso e, para todas as demandas da sociedade em relação ao transporte coletivo, a SPTrans está sempre de portas abertas para o diálogo.

Estamos aqui para ouvi-los, porque sabemos que podemos oferecer um transporte público melhor, sempre e fundamentalmente com a participação dos usuários.

Agradeço a todos a presença, agradeço o convite e espero poder ajudá-los a fazer uma São Paulo mais humana e melhor para todos. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Alguém mais gostaria de fazer uso?
(Pausa) Ok.

O SR. _____ - Boa noite a todos. Quero cumprimentar meu colega Anis, muito obrigado pela deferência. Cumprimento o Vereador Aurélio Nomura pela iniciativa, cumprimentando a ele saúdo todos os componentes da Mesa.

É só uma saudação rápida que eu gostaria de fazer: colocar a Prefeitura Regional Ipiranga à disposição para tudo que for necessário. Hoje estamos aqui porque é um momento importante, uma audiência pública como o próprio nome diz, e estamos aqui para ouvir, o Executivo, o Legislativo, e a população para que seja ouvida e, assim, conseguirmos as melhores práticas e as melhores soluções para a cidade de São Paulo, para que se torne uma cidade mais humana e mais saudável. Era isso, muito obrigado e vamos ao trabalho. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Alguém mais gostaria de falar? (Pausa)

O SR. _____ - Boa noite a todas e a todos. Queria em nome da

Associação Comercial, queria agradecer a presença de todos, que é o prestígio dessa Casa.

Queria deixar algumas informações: primeiro que o objetivo da Associação quando trouxe essa audiência aqui, junto com o Vereador, é trazer a discussão sobre ciclovias e ciclofaixas. A experiência que vamos tirar daqui, hoje, esperamos poder repetir, ao longo de toda a Cidade, não vamos discutir só hoje, apenas uma, mas a ideia é que possamos discutir o problema das ciclovias e das ciclofaixas em toda a Cidade.

Nossa ideia é que precisamos ter uma Cidade menos hostil a todos, não é só o comércio, indústria, mas a todos. Nós precisamos. A forma que nós entendemos que aconteceu foi uma forma que acabou sendo hostil e a sociedade não participou. Nós queremos trazer a sociedade para participar desse debate, entender o que nós encontramos. Não estamos procurando conflito, mas procurando soluções e minimizar os seus efeitos.

Todos nós moramos nessa cidade com um único objetivo: ser feliz nessa cidade. Então não podemos pegar o caminho da hostilidade, não é isso. O importante é levar essa discussão para toda a Cidade.

O que vou deixar justificado aqui é que o Otaviano Machado Neto, Presidente da CET havia se comprometido – para vocês verem a importância da nossa audiência pública – em estar hoje aqui conosco, mas acabou de me ligar, ele teve um pedido especial do Sr. Prefeito – porque parece que o Prefeito viaja amanhã – e parece que é meio encrocado se ele não entender, por isso não pode vir. Ele recomendou e disse que a representante da CET, a Suzana – que é a responsável pelas faixas - vai estar presente, ele garantiu, se ela não chegou, deve estar para chegar aqui.

Então esse é nosso objetivo, e quero agradecer a todos. Muito obrigado Vereador Aurélio Nomura pela oportunidade e Anis, parabéns pela iniciativa pioneira na Cidade.
(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Obrigado. Deixar registrada a presença do Capitão Rômulo Gomes, nosso Presidente da região da Vila Clementino. Também encontra-

se presente o Ronaldo Ogasawara, nosso Presidente do Conseg Clementino-Saúde. Augusto, perdão, Augusto eu já tinha falado antes, representante do Conseg Sacomã.

Eu gostaria de passar a palavra ao primeiro inscrito, Lucian De Paula, da Unifesp. Por gentileza, aqui embaixo, porque nós precisamos gravar.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) - Não, não. Da faixa de ônibus. Três minutos, por gentileza.

O SR. LUCIAN DE PAULA - Bom dia.

Meu nome é Lucian De Paula, sou urbanista, há 10 anos estudo mobilidade.

Vim fazer uma defesa de como as faixas de ônibus são empregadas. Talvez, a principal crítica feita a elas é por falta de uma divulgação dos incríveis benefícios que nós temos com essa política de mobilidade urbana.

Falando por cima, consegue-se transportar, numa faixa de rolamento de carros, mil carros por hora, o que resulta em, mais ou menos, 1.300 passageiros, por hora.

Uma faixa de carro exclusiva, como há na Avenida Cursino, é algo que consegue transportar oito mil passageiros, por hora. A manutenção é muito importante, porque não estamos falando especificamente do transporte de uma pessoa, mas como fazemos o escoamento das 60 mil pessoas que são atendidas.

A retirada disso significa ônibus preso no congestionamento, então resulta num retrocesso de 10 anos. Um ônibus preso no congestionamento é uma faixa de rolamento onde se tem uma perda aproximada de 60% da capacidade do viário.

Esta defesa, em termos da mobilidade urbana do Século XXI, melhor orientada, visando eficiência, visando não só o tempo de transporte, mas a qualidade, porque um ônibus preso no congestionamento significa um ônibus lotado, um ponto de ônibus lotado, uma viagem desconfortável.

Então, tudo isso precisa ser defendido.

Me surpreendem as críticas e pedidos de remoção das faixas de ônibus, porque entendo que isso é um deficit na divulgação de todos os benefícios que elas trazem para a Cidade. Eu queria também ressaltar a Política Nacional de Mobilidade Urbana, uma lei federal, que pede a priorização dos modos de transporte coletivo sobre o transporte individual. Então temos esse plano, a Lei Federal 2012.

No âmbito municipal nós temos nosso PlanMob, Plano Municipal de Mobilidade Urbana, aprovado, e nas suas diretrizes ele reforça a prioridade do transporte público coletivo sobre o transporte individual particular sempre. A mitigação dos custos ambientais sociais.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) - Encerrando, por favor.

O SR. LUCIAN DE PAULA - Por último, a ampliação do uso coletivo. O PlanMob que já está aprovado é ampliação do sistema coletivo, não a sua redução.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) - Tem a palavra o Sr. Osmar Rezio, da Associação Sudeste.

O SR. OSMAR REZIO - Acho muito importante essa reunião para que os moradores e usuários do transporte coletivo da região da Saúde possam minimizar o problema de transporte, mas de uma forma mais coerente. Nós não podemos só verificar o quantitativo de transporte do povo, como também o que ele pode implicar na economia do bairro. Por exemplo, se um comerciante investiu num imóvel, investiu num comércio, ele recolhe imposto, e, de repente, ele vê o comércio dele fracassar e não ter mais atividade, porque ou ele não tem loja no shopping ou ele está na rua e não pode mais receber a visita de clientes. Então para isso tem que ter um planejamento. Por exemplo, a Avenida Cursino tem dados, percentuais de transporte, tem utilidade do povo que tem acesso do bairro periférico para o centro da cidade. Ocorre o seguinte: na outra audiência eu já falei que foi feita uma implantação do transporte público sem planejamento. Como que pode duas vias de ônibus, ida e volta, indo até a metade da avenida, e, da metade para a frente, só vai, não volta? Da Dom Vilares para adiante, o

ônibus só vai, não volta. E, na ocasião, quem fez o estudo de implantação do transporte falou que estava totalmente inteirado das necessidades do bairro, o que não é verdade. Se ele morava em Santo André e era de Santo André, como ele poderia conhecer o problema do Jardim da Saúde? Então eu tem que ter uma coerência em relação aos prós e contas, e não implantar sem estudo e sem planejamento. (Palmas)

O SR. AURÉLIO NOMURA (PSDB) – Obrigado.

- Foram chamados os Srs. Valdecir, Domiciano Ribeiro, Henrique Akira, Ubiratan Passes, Manuel Cerdeira, Alfredo Bruzetti.

O SR. ALFREDO BRUZETTI – Bom, boa noite a todos. Bom, eu queria registrar que uns anos atrás nós tivemos uma audiência pública da qual saiu um projeto de revitalização da Av. Ibirapuera e da Av. Santo Amaro. Há um mês, mais ou menos, tivemos a discussão sobre a Av. do Cursino. E o que eu venho trazer é um alerta.

A Av. do Cursino tem um tráfego um pouquinho largo, e, quando chega na Dom Vilares para a frente, fica estreito. E a Av. do Cursino hoje está para o Ipiranga como a Av. Lins está para o Cambuci, como a Domingos de Moraes está para a Vila Mariana. É uma via muito importante. Tem um comércio muito forte, muito atuante.

Então o que eu gostaria de registrar é que não ocasião da revitalização da Av. Ibirapuera e da Av. Santo Amaro, nós levamos em consideração... e que se leve como exemplo esse projeto: que o corredor de ônibus seja centralizado, porque da Dom Vilares adiante as calçadas são muito largas, então se pode fazer esse projeto. Que não se jogue os ônibus na calçada, de nenhum dos dois lados, porque isso vai tirar emprego, vai fechar comércio, vai trazer um transtorno muito grande para aquela região. Esse é o meu alerta.

Qual foi o resultado na Avenida Ibirapuera? Um forte investimento comercial. Então que vocês vejam a situação com muito carinho, que não caia no mesmo.

Hoje a situação na cidade é dramática, como também em todo país. O que vai ocorrer é uma revitalização forte, mas que seja bem atuante.

Não vamos nos esquecer do que estou falando: a central da avenida, o ônibus tem de passar no centro da avenida, não mais nas laterais. Ok?

Esse é o meu registro.

Obrigado

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Gostaria de convidar o Sr. Aparecido Inácio.

O SR. APARECIDO INÁCIO – Olá, boa noite a todos. Vereador, apenas uma questão de ordem, e pretendo também falar sobre as ciclovias. Então depois eu me reinscrevo? (Pausa) Agora vou falar sobre a faixa de ônibus. Boa noite a todos, muito prazer. Quero apenas dar um depoimento.

Causa-me dúvida qual o objetivo desta audiência pública, se é discutir a permanência, a manutenção ou a ampliação nesse ponto específico da faixa de ônibus porque eu vejo com muita positividade. Tenho em minha equipe de trabalhadores 50 pessoas, todos os que utilizam ônibus elogiaram a iniciativa pelo pouco tempo que passaram no transporte público. Segundo aspecto: em casa, pessoalmente, a minha empregada que antes levava duas horas para chegar ao trabalho, hoje gasta em torno de 45, 50 minutos.

Quero chamar para uma reflexão às pessoas quanto aos aspectos positivos tanto pra saúde pública quanto para utilização do espaço público. Temos de levar em conta que é necessário pensar a cidade como sendo de todos, e não apenas do carro, da bicicleta ou só do ônibus, mas numa cidade pra todos.

Neste momento seria importante levar em conta que, pra discutir ponto tão importante quanto esse, seria necessário que os representantes daqueles que, em tese, serão prejudicados se mexermos nas faixas de ônibus, deveria ter representantes aqui dos usuários de transporte público porque, data vênia, pelo que vejo, só há representantes dos comerciantes e dos ciclistas. Queria chamar atenção pra esse aspecto porque a discussão tem de ser

democrática, tem de levar em conta todos os atingidos.

Embora, Vereador, o senhor possa dizer que a audiência pública foi divulgada na Imprensa, mas é preciso levar em conta que o acesso que as pessoas têm à informação não é tão vantajoso quanto o que nós temos.

Quero chamar a atenção para a importância do espaço público, do corredor de ônibus, e o avanço democrático que representa na igualdade entre as pessoas.

Muito obrigado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Alertando, falando novamente, este é um espaço dos mais democráticos que temos na cidade. Colocamos na televisão, colocamos na rádio, internet, divulgamos, entregamos folhetos, tentamos na medida do possível, é claro, atingir todos os representantes. Quero deixar claro que isso não foi hermético, não foi feita reunião tendendo pra um lado ou pra outro. Pelo contrário, tentamos, na medida do possível, que todos pudessem participar.

Claro, entendo a posição do senhor, mas deixo registrado que o trabalho feito por esta Comissão, especificamente de Orçamento e Finanças, foi no sentido de tentar colocar a discussão com a maior abrangência possível.

Gostaria de fazer constar as presenças dos Srs. Jorge Suzuki, Presidente da Associação Cultural Esportiva Saúde, Sr. Sadao Kayano, Presidente da Kobayashi Habitacional; Therezinha Unishi, Colégio Montreal; Dalton Pires, Diretor Superintendente da Distrital Ipiranga; e o Boiú, Chefe de Gabinete da Regional do Ipiranga.

Não sei se alguém mais quer falar sobre o assunto em tela porque nós vamos encerrar. Mas o que foi dito na audiência passada era no sentido de um estudo, de haver condição de a faixa de ônibus funcionar na hora do rush num sentido, e obedecendo a essa questão. Isso desafogaria muito a Avenida do Cursino. Ninguém é contra a questão de privilegiar a mobilidade urbana principalmente o transporte de massa, os ônibus, mas é

importante levar em conta a situação diferenciada que há no Jardim da Saúde. O prédio é tombado, não permite ampliação das lojas, há uma série de restrições que não permitem a ampliação daquele espaço e daquelas lojas. Isso dificulta, por exemplo, a questão em relação a estacionamento, a circulação das pessoas. Também não há possibilidade de criar via de acesso que possa melhorar a circulação. Há uma série de restrições.

Basicamente a faixa está atrelada à questão de se buscar uma proposta condizente porque não pode circular como circula nos dias de hoje no sentido de que restringe, dificulta o acesso em horários que não tem sentido você colocar aquela faixa para uso exclusivo de ônibus. Basicamente é essa a questão.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Quer falar?

O SR. SAMIR CURY – Foi muito pertinente a fala dos favoráveis a faixa de ônibus.

Nós nos orgulhamos muito de termos pessoas que prezam pela cidadania da população. Não falo em nome dos comerciantes, talvez fale em meu próprio nome por conhecer talvez, como ninguém, a região do Jardim da Saúde, por sermos, a família, pioneiros de lá.

Temos quatro leitos carroçáveis, dois deles ficaram impedidos em função da exclusividade dos ônibus, mas há muitas transversais, contornos para virar pra esquerda, na transversal, naturalmente o automóvel tem de parar, e ele provoca trânsito indesejável na região. Mas o que salta aos olhos é a falta de critério, a falta de ouvidos dos órgãos públicos, algum tempo atrás, visto que na região há dois clubes e serviços, como é o caso do Rotary, da Associação de Moradores, a própria Associação Comercial, Lojas Maçônicas. Temos pioneiros que deram a vida pela região, que não era absolutamente nada, era uma região periférica da capital de São Paulo e fizemos daquela região uma área nobre, área que é benquista e bem vista por toda a população paulistana. Então, faltou um diálogo para com os pioneiros, não apenas com os empresários, mas com os pioneiros para que soubessem que nós queremos a faixa de ônibus, ela é ótima para a região, porém com alguns critérios, com alguns estudos.

Talvez em horário diferenciado, enfim. Não ser imposta goela abaixo, num final de semana, sem consultar ninguém. Esse foi o ponto nevrálgico dessa implantação errônea, a meu ver, e ao ver certamente de toda a população daquela região. Mesmo aqueles que são favoráveis a essa área exclusiva como eu sou. Esse é o ponto Vereador Aurélio Nomura que deveria ser colocado. Nós não temos, com esses quatro leitões carroçáveis, nós não temos nenhuma possibilidade de manter no horário impróprio que foi colocado. Apenas isso.

Muito obrigado

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Eu vou passar à segunda parte que diz respeito a ciclofaixas. Eu não sei se já está presente a representante do CET, a Suzana? Nós vamos continuar e depois, como está registrado, nós podemos mandar as discussões por escrito. Gostaria de convidar o Sr. Domiciliano Ribeiro.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – A audiência pública tem regras, obedece os critérios da Casa. Pela regra fala só uma vez. Não existe inscrição por último, você se inscreve agora e daqui a pouco vão ser canceladas as inscrições. Vamos chamar o Sr. Domiciliano Ribeiro.

O SR. DOMICILIANO RIBEIRO – Ele pediu para eu fazer uma leitura aqui...

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Para um pouco.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. SONINHA FRANCINE – A audiência pública ela não é em si uma instância deliberativa, de onde vai se tirar uma conclusão e que vai ser assim, vamos dizer, a maioria decide. Não é assim. A audiência pública é um espaço de escuta e quer a Mesa fale primeiro ou depois, por último, isso não significa que esta foi a conclusão da audiência pública. As pessoas, da Mesa, inclusive, podem ter opiniões diferentes. A Comissão de Finanças, que é a Comissão responsável pela organização desta audiência, tem nove pessoas. Se viessem as nove, com certeza, as opiniões entre os próprios Vereadores seriam bem diferentes.

Então, o que cabe aqui é um espaço de audiência. Quer dizer, é um espaço de escuta. Quem quer que esteja na Mesa não tem mais peso, não tem mais relevância, mesmo Vereador membro da Comissão.

E eu proponho ao Vereador... Qual é o horário marcado para o encerramento da audiência?

- Manifestação fora do microfone – inaudível.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Nove e meia.

É regimental, é justo que seja assim. Podemos até discutir se o Regimento é correto ou não. Mas se é a regra, é a regra. Jogo de futebol tem 45 minutos cada tempo.

Então, eu proponho ao Vereador, e ele não está nem me ouvindo, o seguinte: se terminarem todas as inscrições e ainda houver tempo, acho que poderemos abrir para novas inscrições, mesmo de quem já tenha se manifestado. Mas, em caso de dúvida, isso será decidido pela própria plenária.

Então, o Vereador nem está me ouvindo agora, mas eu vou sugerir. Agora, ele é o Presidente e está no comando da audiência pública e é quem tem o poder de decisão na Comissão.

É evidente que, aqui, dá para dividir em dois lados. O mundo não deveria ser assim, mas temos posições bem opostas aqui. Então, se abrirmos para novas falas repetidas, tem de haver esse equilíbrio para não parecer que um lado está sendo mais ouvido que o outro. Como vamos organizar isso, se sobrar tempo ao final das falas, eu não sei. Mas fica, aqui, como proposta.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Ok.

Então, gostaria de passar a palavra para leitura do manifesto.

- É lido o seguinte: (manifestação contrária à implantação de ciclofaixa)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Obrigado.

Passo a palavra ao Sr. Domiciano Ribeiro.

O SR. DOMICIANO RIBEIRO – Boa noite a todas, boa noite a todos. Antes de mais nada, eu gostaria de agradecer ao Vereador Aurélio Nomura, pela última audiência que tivemos, à qual não compareceu de fato quem deveria ter comparecido. Outrossim, compareceram, sim, pessoas que foram banalizar, foram bagunçar a sessão, que transcorria na mais absoluta paz.

Senhores, vejam bem: basta que se coloque naquele perímetro da Avenida Bosque da Saúde, e se faça saber quantos ciclistas frequentam aquele espaço. Trabalho ali de terça a domingo, de 7h30 até 00h30 do dia seguinte, e você conta nos dedos quantos ciclistas passam. Agora, a viatura da Polícia Militar, segundo o Código de Trânsito, não pode parar para resolver uma ocorrência numa faixa de ciclistas. Há pelos menos 6 cadeirantes na minha vizinhança que não têm como parar naquele local. Eu fui multado três vezes ao fazer carga ou descarga, além de tantos outros que foram multados. Temos um açougue que atende a uma comunidade gigante naquele perímetro; o cara pode sair com uma banda de boi nas costas, no meio da rua, minha gente. Aí, o ciclista passa lá; eu já estou com a minha garganta a se encerrar, gritando com eles: “Olha a faixa, olha a faixa!”. O que os ciclistas me dizem? “Vão à PQP”. Eles transitam no meio da rua. Na hora em que eu atropelar uma pessoa no meio da rua com uma *bike* que não está transitando na sua devida ciclofaixa, eu vou ser responsabilizado criminalmente, minha gente.

Então, não há respeito da parte deles, e é nesses termos desse abaixo assinado: que seja refeita. Não sou contra o ciclista, em hipótese alguma, até porque nesta semana chegou um sujeito lá que nunca consumiu uma água no meu restaurante, mas ele veio com a mão suja de graxas, por vir empurrando a sua *bike*, e foi sujar a minha pia. Grossamente, me pediu: “Posso usar essa pia aí para lavar minha mão?”. “Pode, meu amigo, vá lá, por favor”. Ele saiu e sequer agradeceu. Ele sujou minha pia, usou meu sabão, não pagou minha conta, não

paga minha conta de água, de luz, meus funcionários. Cinco comércios no meu perímetro fecharam, ninguém viu isso. Outra: ninguém consultou absolutamente ninguém. É uma grande mentira se dizer: “Houve uma consulta pública; vamos instalar uma ciclofaixa na Avenida Bosque da Saúde”.

Então, basta que se veja. Se algum ciclista puder se manifestar – no seu momento, é claro -, ele vai ter que dizer aqui para esta Mesa: “Eu passo na Bosque da Saúde 4 vezes por dia; eu subo para trabalhar, desço para almoçar, volto para trabalhar e volto para o meu descanso”. Se disserem, passem no meu restaurante, que a água é por minha conta, porque é uma grande mentira. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Obrigado. Sr. Valdecir.

O SR. VALDECIR – Boa noite. O problema da ciclovia lá é o seguinte: no período da manhã, por exemplo, no começo da Bosque da Saúde está tudo parado, porque vem um ônibus, fica de um lado. Tem a ciclovia, fica aquela fileira de ônibus, e para tudo até a Avenida Dr. Abraão de Moraes. Então, ela foi implantada de uma maneira que estragou o comércio e parou os ônibus no horário de pico. Na hora da descida, a mesma coisa. Só que implantaram falando, por exemplo, que o ciclista na hora em que está o ônibus. Ele está subindo, é uma subida bem íngreme. Aí, ele para a bicicleta. Qual ciclista consegue subir? Os que treinam, conseguem; mas a maioria vai empurrando a bicicleta e chega lá em cima bufando.

Então, aquela ciclofaixa foi implantada no lugar errado, porque há ruas paralelas que não têm comércio e não tem subida. O Vereador Nomura e o pessoal que mora aqui conhecem. Mas há lugares que não têm subida, mas também não têm ônibus nem comércio. Na hora em que foi implantada, ninguém falou nada. Foram fazendo. Sete ou oito linhas de ônibus passam por ali; se todos quiserem passar, a Avenida Ricardo Jafet para, porque não conseguem passar. Na hora em que entram na Avenida Bosque da Saúde, para tudo, sendo que há a Rua Ibirarema, a subida da Itaboraí e a Rua Piratinga, que fica lá em cima. Isso tudo sem ônibus e sem comércio. Esse é o principal problema.

Como ônibus biarticulado teve sua metragem aumentada, são 28 metros, não consegue fazer três curvas de 90. Não consegue; se houver carros, tem que tirá-los.

Na Avenida Bosque da Saúde com a Rua General Serra Martins, é o local que está errado e não a ciclovia. O local que desenharam é que está errado; tinha que ser na rua paralela para não causar esse problema. É só isto: o local da ciclovia é que está errado. Ninguém é contra ciclovia, mas o local onde foi instalada é que está errado.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Tem a palavra o Sr. Luciano de Paula.

O SR. LUCIANO DE PAULA – Boa noite. Sobre ciclovias e ciclofaixas, a geometria da via pode e deve ser revista sempre que encontrarmos situações pontuais, como carga e descarga. Quando há vagas para deficientes, da farmácia, por exemplo, a ciclofaixa corre apenas um lado da rua; no outro, ainda continua sendo permitido estacionar. Algo que queria apontar é nem bicicletas nem carros consomem, pessoas consomem; eu consumo em estabelecimentos. Não é a ciclovia que faz mal ao comércio e sim rechaçar o cliente. Um exemplo: trabalho perto da Vila Clementino e, com a crise, vários restaurantes daquele entorno fecharam. Um deles tem um paraciclo na frente e, por conta disso, criei o hábito de comer sempre ali; não só eu, mas outros três ciclistas. Os outros restaurantes, que não atraíram esses clientes, acabaram fechando. Com certeza, portanto, isso ajudou o restaurante.

A ciclovia não causa ônus econômico, ela está ali para atrair pessoas. Se, por enquanto, passam por ali poucas pessoas, é porque elas só começaram a ser instaladas há praticamente dois anos. Para um modal que nunca foi incentivado em cem anos de rodoviarismo paulista, há um número relativamente grande de ciclistas, considerando o quão difícil é pedalar na cidade de São Paulo.

Antes, falamos de hostilidade de um planejamento, de uma cidade que é hostil, não tem um ciclista que eu conheça que não tenha quase morrido e alguns que já morreram, porque o trânsito da Cidade é muito hostil para o ciclista.

Então, eu queria que a gente fizesse esse peso: o que é algo que precisa ser incentivado, para crescer esse fluxo, e também a outra parte que é apesar de algumas reclamações, realmente dificulta um pouco uma carga e descarga... Mas é possível fazer uma baia de carga e descarga, como foi feito na Consolação, por exemplo. Mas, também, acima de tudo o Código de Trânsito e a Constituição, colocamos o respeito e a proteção à vida acima de tudo. E é por isso que é absolutamente necessário não retirar ciclovias e ciclofaixas.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Agora, o Sr. Henrique Akira.

O SR. HENRIQUE AKIRA – Boa noite a todos.

Falarei, agora, como morador e Engenheiro desta cidade.

Primeiro de tudo, uma autocrítica a todos nós. O horário da audiência estava marcado para às 19:00h e começamos às 19h30min. Acho que este País está na hora de ter uma seriedade quanto aos seus compromissos. (Palmas)

Inicialmente, eu quero, no dia de hoje,... Esta é primeira audiência. Se teve uma outra, eu não posso falar nada, mas eu quero falar de hoje para frente. Como morador como é que se implanta uma ciclofaixa sem discutir democraticamente com os moradores e a população?

Eu estou vendo aqui só crítica: queda de movimento, acessibilidade... Nada se discute em profundidade.

Primeiro, a ciclofaixa tem o piso totalmente irregular; pintura fraca, que exige manutenção. Então, para não prosseguir, eu só queria saber: a ciclofaixa é uma obra de igreja? Porque ela não tem começo e não tem fim, porque está tudo parado. Isso está deteriorando. Vamos ter de fazer uma manutenção sem ter concluído o projeto!

Então, quero saber quando é que vai se concluir isso? Ou não vai concluir? Por isso que eu digo: é um projeto de igreja.

Sou uma das pessoas que mais luta pela qualidade de vida, por ser descendente

de uma comunidade japonesa. Estive no Japão estudando ciclofaixa. Estive na Coreia. Então, eu conheço. Antes de qualquer coisa, dessa ciclofaixa, teríamos de ter as calçadas melhoradas, porque você tem uma condição totalmente diferente. E do jeito que está quando será terminada essa ciclofaixa? Porque não dá para ficar da maneira que está. Está totalmente inacabada e não sabe para onde vai. Está truncada. O comércio está perdendo seus clientes.

Então, eu gostaria de saber isso.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – O Sr. Ubiratan Passos.

O SR. UBIRATAN PASSOS - Boa noite.

Sou morador da General Serra Martins, então não uso... Aonde eu moro já não tem como estacionar o carro por causa dos táxis. Então, naquele trecho do General Serra Martins, no começo, não faz muita diferença, pensando em estacionamento ali. Mas virando já, no começo da Avenida do Bosque, aonde tem farmácia, onde tem a placa de “proibido estacionar”, estacionam bem em frente à farmácia. Então, ali, aonde fica Casas Bahia, Marabraz, aonde eu ando sempre, realmente não faz sentido a ciclofaixa estar, pelo menos, naquele trecho. O resto, eu não conheço. Mas exatamente por isso: porque atrapalha o comércio. Às vezes, você compra uma televisão e precisa carregar para o carro.

Então, a minha opinião é de que naquele trecho, pelo menos, piorou muito. Aí, colocaram ponto de táxi em um lugar e o táxi acabou não ficando onde foi demarcado. Ai era para ser a ciclofaixa e não concluíram a obra. Aí, os táxis voltaram para lá. Quer dizer, ficou uma bagunça e está há um tempão assim.

A minha opinião: eu não sei qual é objetivo da ciclofaixa, se tem gente, se tem demanda. Isso, eu não faço ideia. Mas a ideia é de que aquele trecho, pelo menos, fosse revisto, para chegar na Avenida Jabaquara por outro caminho ali, pelo menos próximo ao Metrô.

É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Obrigado. Sr. Manuel Cerdeira. (Pausa)

Sr. Alfredo Prossetti.

O SR. ALFREDO PROSSETTI – Olha, eu só queria fazer uma colocação rápida, porque, vindo para cá, eu tomei conhecimento de que o Prefeito permite a invasão de automóveis nas ciclofaixas. E eu acho que S.Exa. está justificando as reclamações, aqui, das pessoas. . S.Exa. permite a invasão para que o trânsito flua normalmente.

Então, eu não sou contra a ciclovia, nem ciclofaixa. Mas, na calada da noite se fizeram muitas ciclofaixas, de maneira irresponsável. As pessoas que pagam impostos não podem estacionar os automóveis, precisam procurar estacionamento caro, fazer seguro. Então, eu acho que a discussão maior, que eu estou sentindo aqui, é que se acabe com as ciclofaixas ao redor das grandes avenidas.

Agora, lembrando, mais uma vez, da invasão dos automóveis, que o Prefeito permitiu hoje. Não têm condições: motocicletas, bicicletas e automóveis todos se matando. Então, tem que ver com outros olhos isso aí,

É o meu registro. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Obrigado. Sr. Aparecido Inácio.

O SR. APARECIDO INÁCIO - Novamente boa noite a todos.

Eu me apresentei, sou Advogado, Colega, inclusive, do Anis, lá da OAB. Faço parte de algumas comissões com o companheiro. Honra-me muito termos um representante da nossa classe aqui na mesa. Meus parabéns e minha solidariedade.

Como eu disse, eu sou Advogado. Eu saí da Rua Martins Fontes, onde tenho meu escritório, e vim até aqui de bicicleta. Quero agradecer, também, em nome dos demais ciclistas, a Associação ter permitido que nossas bicicletas ficassem aqui dentro, porque o Comandante sabe muito bem o quanto aumentou o roubo de bicicleta aqui em São Paulo. Fruto, exatamente, do crescimento de bicicletas.

Então, vejam bem, eu saí da Rua Martins Fontes, que é o começo da Rua Augusta,

vim até aqui em trinta minutos, de bicicleta. Não é porque eu sou um *expert*, porque sou um *iron man*. Foi porque eu vim pela faixa de ciclovias.

Passando pela Avenida Paulista, eu registrei, no *totem* de bicicletas, até o momento em que passei por lá, 4326 ciclistas passaram por ali, no dia de hoje. Considerando da 6 da manhã até às 20h, temos 14 horas, que é a média de período de locomoção das pessoas, ali, na Avenida Paulista. Isso dá, 309 ciclistas por hora, Vereadora Soninha, o que não é um número desprezível.

Falou-se, aqui, que o ciclista não obedece determinadas regras. Motoristas também não obedecem. Há exceções. Existem pessoas de todas as qualidades.

Aí, eu quero colocar exatamente alguns argumentos. Temos, aqui, técnicos, tanto da CET como da SP Trans, que podem confirmar que um veículo estacionado na porta de seu estabelecimento comercial não te traz ganho algum. Isso porque aquele cidadão, proprietário do veículo, fecha o carro e vai embora. Ele não entra na tua loja. Então, um carro parado na minha porta não significa aumento de meu comércio. Significa a ocupação de um espaço público por um particular, em detrimento do direito de dezenas de outros particulares.

Outra coisa, o problema do estacionamento para clientes e carga e descarga não é a ciclovia, mas o uso irregular das vagas que existe nos arredores. Porque, se você tem a Zona Azul, você obriga o proprietário do veículo a mudar o estacionamento a cada uma ou duas horas.

Outra coisa. É comum que sejam usadas essas vagas para paradas rápidas. A maior parte dos clientes vai ao comércio a pé. Não vai de carro. Porque, quando eu vou ao shopping center eu para o meu carro no estacionamento e circulo em todas as lojas a pé. A mesma coisa ocorre na alameda Lorena, onde eu moro. Eu não vou de carro, eu vou a pé.

A ciclovia ajuda na fachada da loja, porque se você não tem um veículo parado em sua porta, todos veem a sua propaganda, todos veem o produto, todos veem a sua vitrine.

Há, também, o aspecto da qualidade de vida. A ciclovia ajuda na qualidade de vida,

inclusive dos seus próprios funcionários. Você pode estimular o seu funcionário a vir trabalhar a pé. Ciclovia é uma realidade no mundo, não é só São Paulo. Que houve problema na implantação da ciclovia em São Paulo, sim. Isso porque estamos falando de uma cidade abarrotada de carros, uma cidade cujo crescimento e cuja divisão de seu tráfego ocorreram sem planejamento, assim como na maioria das cidades do Brasil, exceto em Curitiba e em Palmas, no Tocantins. São as duas únicas cidades, que eu conheço neste país, que tiveram planejamento. As demais foram todas construídas de maneira aleatória.

Então, o que queremos é uma convivência, uma discussão harmoniosa com o comércio. Sentar com a CET, com a SPTrans e conversar, e discutir esse projeto, de maneira que todos nós possamos dar nossas opiniões e também colaborar, no sentido de tornar São Paulo uma cidade, cada dia, mais agradável.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) - Sr. Fábio Siqueira.

O SR. FÁBIO SIQUEIRA – Boa noite a todos.

Saúdo a todos e, especialmente, a população aqui presente, a população da Vila Mariana, de Moema, da Saúde, do Cursino, Jabaquara, Ipiranga e Sacomã: regiões envolvidas com essas questões importantes.

Tratando da questão do Bosque da Saúde, como morador há 30 anos de lá, conheço um pouquinho aquela região, e sinto falta dos antigos conselhos locais de trânsito e transporte nas subprefeituras.

Está faltando, hoje, discutir a questão do trânsito e transporte na localidade. Quem sabe agora, com o *status*, a prefeitura regional possa se voltar a essa questão. Porque a questão do trânsito e transporte está muito centralizada na gestão municipal, haja vista que é um montante de 1 bilhão de reais, de orçamento anual. E é uma caixa preta. Ninguém sabe o que está se passando nessa questão.

Acabei de saber que a linha 5791 – Eldorado/Vergueiro não passa mais de sábado

e domingo. É um desrespeito à população carente do Jabaquara, da Saúde. Então, peço que o representante anote isso, porque fiquei indignado e desrespeitado com essa notícia.

Mas falarei, agora, a respeito da ciclofaixa da Bosque da Saúde. Foi uma ciclofaixa, na minha opinião, totalmente mal feita. Eu queria saber por que usam o dinheiro do povo, o erário público, em um serviço tão mal feito? Foi feito em oito dias e não é à toa que a Engenheira falou que foi um serviço feito totalmente sem projeto, totalmente absurdo. Claro que é importante ter espaço para o ciclista transitar, mas de forma segura. O ciclista, lá, corre risco de vida. Tem de haver segregação. As ciclovias de Sorocaba têm separação. O carro não chega nem perto do ciclista. Aqui chega. É uma coisa perigosa para o ciclista, por isso que muitos ainda não frequentam.

E também há outra coisa grave: sinalização semafórica. Existia, há anos, uma ilha em frente à Paróquia Santa Teresa de Jesus, a mais antiga paróquia de Santa Teresinha do Brasil! Essa ilha foi tirada. A população idosa fiel da igreja atravessa e não tem mais a ilha, o que a protegia de eventuais motoristas ou pessoas que guiam erroneamente. Tiraram. Agora é uma faixinha desse tamanho! Quer dizer, a população foi desrespeitada por essa obra, por esse serviço tão mal feito pela Gestão Fernando Haddad e Jilmar Tatto.

E outras ciclofaixas, que eu vejo pela Cidade, também estão com esse problema. Quer dizer, tiram uma sinalização consolidada, do bairro, para uma coisa feita com tinta da pior qualidade, um serviço feito em quatro dias. Quer dizer, para prejudicar o povo é rápido. Para melhorar, para colocar coisas favoráveis...

Até porque aquela região não tem faixas de pedestres próximas. Então, a população precisa de um eixo segregado, de uma ilha, para poder atravessar em segurança, principalmente as pessoas idosas.

Por fim, queria concluir com a questão do Conselho de Trânsito e Transporte da Cidade de São Paulo. Lamento que seja um conselho, desculpem-me, tão ineficiente e ausente, porque esse Conselho não aparece! Tem algum conselheiro do Trânsito e Transporte

aqui presente? (Pausa) Que bom. Mas, infelizmente, ele aparece muito pouco. As reuniões não são nem divulgadas. Que bom. Gostaríamos de saber o próximo calendário desse Conselho, porque é um assunto tão importante para a Cidade!

Repito: um bilhão de reais de orçamento anual que não sabemos onde estão sendo investidos. E tem de haver uma discussão participativa e deliberativa desse assunto.

O Vereador sempre fala: “Os barões do Transporte”. S.Exa. fala muito bem, porque eles ganham bilhões e tiram a linha Eldorado de sábado e domingo, como outras linhas da Aclimação. Quer dizer, não é um desrespeito à população? Cada vez ganham mais dinheiro e tiram os ônibus para o pobre morador paulistano não ter seu direito ao trabalho e ao lazer no sábado e no domingo. É isso que eu queria dizer hoje, e gostaria de ter uma CPI nessa questão do trânsito e transporte, CPI (inaudível) fiasco. Quem sabe agora, (inaudível) investigar as irregularidades da gestão Haddad e Jair Tatto.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Tem a palavra o Sr. Victor Del Mazo Quartier

O SR. VICTOR DEL MAZO QUARTIER – Boa noite, pessoal. Eu vou falar como morador da região. Eu nasci e cresci na Rua Pajeú(?) e vou falar como consumidor também. Moro na Onze de Junho e não eu não vou consumir na Bosque da Saúde, e vou lá para a Avenida Ibirapuera e Moema, com a minha filha e com a minha esposa, porque desculpe-me, a região aqui está totalmente degradada. Se se pegar a Domingos de Moraes e Jabaquara, aqui para baixo, até o nosso maior bem que a gente tem, na região... Qual é o nosso maior bem natural que a gente tem na região? O que vai atrair o pessoal? O que vai beneficiar os comerciantes a vir para cá? Todo mundo esqueceu. É histórico. Todo brasileiro canta esse bem. É um patrimônio, patrimônio do bairro, histórico, é o Riacho do Ipiranga, que a gente polui. Canalizaram e a gente não consegue mais ver. Não é questão de obra. Existe um projeto de um professor da USP, de revitalização do Riacho Ipiranga, construção e criação de um

parque linear, ligando o zoológico, Parque Estadual Fonte do Ipiranga até o Museu do Ipiranga. Há aqui todos os subprefeitos que estão envolvidos nesse projeto. Então, comerciantes, se querem melhorar o seu comércio, querem se sustentar com maior sustentabilidade, desculpem-me, cobrem dos seus representantes, e temos dois excelentes aqui, a revitalização do Riacho do Ipiranga, a criação do Parque Linear, que vai percorrer a Abraão de Moraes até a Ricardo Jafet. Isso sim vai revitalizar a região, vai fazer... Eu que sou morador daqui, vim com a minha filha e vim com a minha esposa. O que acontece na Avenida? A gente só vai para os grandes comércios. Imagino eu que não é esse o objetivo da defesa da associação. É dos pequenos comerciantes, como dos senhores.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. VICTOR DELAMAZO QUARTIER – Discordo a opinião do senhor. Respeito a opinião do senhor, mas discordo. Eu vou para o trabalho todo dia de bicicleta. Temos tempo sim. Não é difícil. Consegue-se fazer isso, principalmente com o Sr. Prefeito atual, que foi para a Coréia do Sul, verificar como fizeram rapidamente, revitalizaram os rios da região, que eram todos degradados. É possível, é possível. Lutar contra a ciclovia ou contra a faixa de ônibus não vai melhorar o comércio dos senhores. Desculpem-me. Está muito degradada a região. É preciso revitalizar a região. Cobrem dos seus representantes a revitalização do nosso maior patrimônio, o Riacho do Ipiranga.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Registro que está presente entre nós o Sr. Sérgio Avelleda, Secretário de Transportes.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) - Tem a palavra o Sr. Rafael Calábria.

O SR. RAFAEL CALÁBRIA – Boa noite a todos. Como sou conselheiro do CMTT, Conselho de Transportes, quero começar falando para todo mundo que essa reunião sobre o plano viário, marcado para o dia 22 de junho. A gente vai derrubar até o plano cicloviário de

São Paulo. A gente está o revendo na Sempla. As discussões são sempre contínuas, e, de fato, divulgar as coisas é difícil. Eu vi que foi colocado no Facebook. Foi muito legal. A gente está também divulgar sempre, mas é também difícil atingir as pessoas. A gente compete aí com mídias muito mais animadas e interessantes do que as discussões, que pessoas acham que são burocráticas.

Bom, eu sou prestador de transportes há bastante tempo, e tenho acompanhado muito as audiências. Eu moro aqui perto, na região do Paraíso. Eu queria tentar trazer um ponto de conciliação. De fato, a mudança sempre incomoda. Retirar as faixas é sempre incômodo, e não é só para ciclovia ou faixa de ônibus. Na Pedro de Toledo, não podem carros. Na Paulista, não podem parar carros há muitos anos. A Consolação foi citada aqui. Não podem parar carros. Lá buscaram essa solução das baias. Então, as mudanças lineares de ruas, para tirar faixas, como ciclovias e faixas de ônibus, incomodam e afetam e mudam o cotidiano, e buscam, sem remover a infraestrutura que seja, para outros meios de transporte ou até para tirarem calçadas. As calçadas são muito largas, e isso pode ser discutido. Não é esse o caminho. Não é questão de tirarem calçadas, ciclovias, faixas de ônibus nem corredores. Esse incômodo acontece e têm que buscar soluções pontuais. Têm que estudar noções de estacionamento ou Zona Azul, faixa para deficientes físicos. Essas soluções têm que ser discutidas. A sociedade tem que participar. Tenho sempre defendido isso no conselho. O que é prejudicial é essa discussão de nós contra eles, de achar que a ciclovia acabou com o comércio, enquanto têm bastantes dados no sentido contrário. A gente tem bastantes dados de cidades mostrando que há aumento de consumo, porque as pessoas passam e veem mais comércio. É claro que é preciso de outra mudança, as pessoas acostumarem a usar e aumentar esse uso, que é bastante frequente. Há outro ponto importante, fechar a rede. O Bosque da Saúde não desconecta com quase nessa ciclovia. Ela acaba perto da Domingos de Moraes, mas antes falta a da Ricardo Jafet, que está em análise pela Prefeitura. A Ricardo Jafet é um fundo de vale. É um caminho ideal para quem está se movendo ativamente,

pedestres e ciclistas. É uma via plana. Então, quando fecharem essa rede, vai aumentar o número de ciclistas, e aí será preciso pedir para a Prefeitura incentivar bicicletários, para que os consumidores possam parar nas lojas que estão ali. Então, é claro que o impacto, no começo, é ruim. Como eu falei, para tirar faixas, para carro, há impacto ruim em alguns lugares. Na Rebouças, reclamaram do corredor na esquerda. Sempre esse impacto, essa novidade é impactante, e têm que buscar soluções pontuais, sem estragar a infraestrutura.

Outro ponto que queria colocar é que de frente do aparentemente aparece às vezes, o trânsito, na Cidade, não tem piorado. São dados da própria CET e dados também internacionais, como foram levantados no ano passado, mostram que parou de piorar do trânsito. A gente está sem bater recordes.

Um exemplo só pontual, para colocar aqui. Desde 2013, em 24 de maio, dados da CET mostram que a média tem sido para baixo. Pode ser que muita gente aqui não tenha parado de usar carro, mas tem se mostrado que tem havido uma migração. Em 2018, vai sair uma pesquisa de origem e destino do metrô, pesquisa de mobilidade. Ela mostra uma análise das viagens na Cidade inteira. Então, vai poder se ver o resultado disso.

Se se melhorar a infraestrutura e buscar essas soluções pontuais, para agradar mais gente.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Tem a palavra o Sr. Evandro, Presidente do PSDB da Saúde.

O SR. EVANDRO – Boa noite a todos. O que nós estávamos tentando fazer aqui, na verdade, é consertar uma ação política desastrosa da administração anterior, porque ninguém é contra ciclovias, em tese. Ciclovias é importantíssimo. É mais um modal que tem que ser incentivado. Pelo que eu ouvi e é contra a minha opinião é coisa mal feita. O que aconteceu? Na verdade, foi feita uma ciclofaixa, uma ciclovias sem nenhum planejamento. Do ponto de vista de política urbana, é um absurdo isso. Em país sério, um administrador que

toma uma decisão dessa devia estar na cadeia. (Palmas)

Não há o menor sentido pegar, pintar e rua sem sequer regularizar o pavimento, e não se discutiu com a comunidade, que é o que nós estamos fazendo aqui. Se tivesse sido feito isso antes de implantar, talvez pudessem até implantar, mas com mais coerência e com mais planejamento.

Então, o que nós temos que fazer agora é realmente rever essa política desastrosa, porque política pública não pode prejudicar a maioria, a favor de uma minoria. Ela tem que ser discutida. Têm que tentar achar um caminho que seja melhor para todos. O que eu quero aqui sugerir? Na verdade, foi dado um exemplo aqui da Avenida Paulista. Não foi feito um padrão. Podia ser melhor, mas está bom. Ali é uma ciclovia que deve ser mantida, agora outras, como a do Bosque da Saúde, é um absurdo. Há trechos onde o pessoal tem que descer, porque não aguenta subir, a não ser atleta, e olhe lá. Então, isso tem que ser revisto. Não adianta a gente ficar aqui com essa tese: “Olha, a ciclovia vai incentivar”. Calma, gente. Então, vamos fazer um projetinho piloto, que deveria ter sido feito. Vamos ver se isso realmente incentiva, pegando uma região bem estudada, com um projeto piloto. Pintaram a Cidade toda. Não há jeito. Têm que rever isso. Aí tem que haver um critério.

Eu coordenei programa de estradas vicinais no Governo do Estado. A gente tem um índice chamado VDM, Veículo Diário Médio, que mede o volume de tráfego nas estradas. Acho que nós vamos ter que criar aqui um BDN(?), e medir essa bicicleta de área média nessas ciclofaixas. Definam um número, e abaixo desse número, acabam com ela. (Palmas) Acima desse número, podem manter.

Agora, quando for tomada a decisão de acabar, porque esse é um compromisso que o nosso Prefeito teve, na campanha, nessas ciclovias todas, nós temos que tomar uma decisão coerente. Vamos regularizar o pavimento. Tem que haver um projeto integrado. Não é só a área de transporte, mas têm de regularizar o pavimento, não permitindo estacionamento em horário comercial, porque têm que deixar livre, porque senão comerciante. Não é o carro

não poder parar. O que prejudica é o trânsito engarrafar. Isso é que prejudica o comerciante. Com essas ciclovias desnecessárias, o trânsito engarrafa. Então, pode ser feito um projeto de regularização asfáltico, onde fizeram essa lambança de ciclovia inútil, não permitir estacionamento nos horários comerciais, para dar fluxo ao trânsito e inclusive ao transporte coletivo. Então, tudo isso é uma maneira de se compensar aquele morador lindeiro ou comerciante lindeiro, que está sofrendo por uma falta de planejamento.

Ninguém é contra a ciclovia. Não precisa ir lá ao exterior, na Europa, para ver ciclovia. Em Sorocaba, ali é uma ciclovia muito bem feita. Não atrapalha ninguém. Há apoio total da população, porque foi feita planejada. Sorocaba não é uma cidade como São Paulo, mas também não é uma cidade pequena. Então, nós temos vários exemplos de boas ciclovias que a gente pode utilizar e fazer um planejamento correto, mas primeiro vamos limpar esse lixo, para depois a gente começar a construir uma coisa boa. É isso que eu queria deixar claro.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Tem a palavra a nobre Vereadora Soninha Francine.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Os cicloativistas(?) passaram anos tentando demonstrar a possibilidade e a necessidade, a conveniência geral de convívio, de se abrir espaço, para que os ciclistas pudessem circular com mais segurança, com mais conveniência, de tal modo que quem já usa bicicleta pudesse usar em condições melhores e outras pessoas que ainda não usavam bicicleta, por medo, por exemplo, pudessem passar a usar. Então, isso foi sendo construído ao longo do tempo. Diziam: “Você é louco. Ciclista, em São Paulo, não dá. É muito quente, é muito frio, é muita ladeira, é muito carro, é muito isso e agradeço”. Isso foi sendo feito ao longo do tempo.

Infelizmente chegou o momento em que se voltou a hostilidade até pior do que era antes. Muita gente que não era nem contra e nem a favor de bicicleta passou a detestar a bicicleta, e muitos ciclistas elegeram todos os outros como seus inimigos. Então, tratar

comércio de rua como inimigo, como elitista, é muito injusto. Uma das coisas que a gente tenta recuperar numa cidade, para que ela volte a ser vivia, com ruas vivas e fachadas ativas, é o comércio de rua. É muito importante. Então, a gente não pode achar que é uma guerra entre ciclovias e comércio de rua. O comerciante não pode achar que a bicicleta é um inimigo e o ciclista não pode achar que o comércio de rua é ultrapassado. É esse pessoal que não quer aceitar a novidade.

O que a gente precisa ter muita paciência em discutir é: Como conciliar interesses legítimos, que, num determinado momento, parecem opostos e, num determinado momento, num determinado lugar talvez seja, mas é legítimo o interesse do comerciante manter o seu comércio vivo e funcionando. Várias pessoas colocaram aqui nesses termos. Ele também faz uma contribuição para a comunidade, porque ele gera emprego, porque ele traz o abastecimento para mais perto. Não é só o *shopping center*, onde só dá para ir de carro, e o hipermercado, onde só dá para ir com o porta-malas. Então, o comerciante tem uma contribuição urbanística social importante; e o ciclista, ou melhor, o uso da bicicleta não é o ciclista, senão a gente fica discutindo a pessoa. Há ciclista que não respeita nada. O uso de bicicleta é uma contribuição superimportante para a Cidade. Cada bicicleta pode ser um carro a menos. Pode não ser. Enfim, o uso de bicicleta é muito bom em muitos sentidos.

Podemos tentar discutir como conciliar as duas coisas, sem considerar que um é inimigo do outro. Sou cicloativista, sou defensora, sou militante. Defendo o pedágio urbano, defendo coisas ainda mais impopulares. Agora, não acho que qualquer ciclovia é melhor do que nenhuma; ainda é melhor uma ciclovia ruim do que nenhuma. Se a ciclovia não for boa sequer para o ciclista, qual será a vantagem de lutar por ela? Então, não conheço como deveria a ciclovia do Bosque da Saúde, mas conheço muito bem várias outras, uma delas é na Pompeia, perto da minha casa, na Rua João Ramalho. Nessa rua, o carro sobe em primeira marcha, então, para pedalar ladeira acima ali...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Estou querendo demonstrar como é possível conciliar não simplesmente interesses de indivíduo, mas interesses da Cidade como um todo, por isso estou dando o exemplo da rua João Ramalho, que conheço. A João Ramalho é impedável ladeira acima, e tenho medo de descer, porque se a senhorinha sair do mercado e não olhar vou derrubar a senhorinha, não vou conseguir frear. E nem deveria estar detalhando tanto assim, mas é para dizer como é possível conciliar.

Ao lado da João Ramalho, tem a rua Homem de Melo, que é mais larga, que é muito menos íngreme, então não é preciso banir ciclovias para que seja melhor para todos os envolvidos, nem devemos tratar cada papo de ciclovia como algo inegociável, irredutível, se não for bom nem para ciclista. Com isso, acaba-se criando uma animosidade, uma hostilidade, uma agressividade, e a troco de nada, no fim das contas. Tudo mesmo pode ser objeto de um estudo, comprovado na prática, porque eu já cansei de discutir com técnico que faz o projeto na prancheta e falo: “mas, meu amigo, você foi até lá”.- “Não, esse ponto está super bem colocado”. E falo: “Não está, porque eu pego ônibus lá. Essa distância não é razoável”. – “Não, mas na planilha, no mapa, a distância é de 300 metros”.

Todo mundo sabe que um bom traçado cicloviário integra várias estruturas diferentes. Não precisa ser tudo central e segregado, não precisa ser tudo ciclovia; às vezes, não precisa nem ser ciclofaixa, enfim. Um sistema contempla tudo isso.

Quando eu era candidata a Prefeita, perguntavam-me quantos quilômetros de ciclovia eu vou fazer. E respondi: não é padrão Maluf de obra: Eu fiz, quem fez mais, porque tudo tem de ser objeto de um estudo da geografia, da topografia, dos desejos de viagem. Se eu pintar uma faixa onde não é desejo de ciclista nenhum, não adianta que não haverá demanda induzida, porque ela não atende. Então, uma coisa é acomodação, é o hábito, é o rodoviarismo, outra coisa é a total inutilidade, é para dizer que fez. Portanto, tem de ser estudado, na prancheta e na prática. É errado dizer que ciclovia fecha comércio, assim como é errado dizer que ciclovia melhora o comércio. Podem ser as duas coisas. Uma ciclovia bem

feita pode trazer mais ciclista, mais pedestre, mais comércio, agora dizer categoricamente que ciclovia fecha comércio está errado, porque tudo tem de ser analisado.

Particpei de várias reuniões do Conselho Municipal de Trânsito e Transporte, inclusive na reunião em que o Secretário apresentou um plano cicloviário que, na verdade, não era um plano. Isso aconteceu quando foi criado o Conselho Municipal de Trânsito e Transporte, numa das primeiras reuniões, quando foi feita a apresentação do plano cicloviário. Sabe o que o Secretário da época falou? “Olha, a gente tem de fazer mesmo, tem de ir para cima, porque senão esse pessoal nunca vai aceitar mesmo, porque a cultura é rodoviarista. Tem que fazer mesmo, mas se a gente fizer e estiver errado, tudo bem, teremos a humildade de corrigir”.

Discordo do modo como ele conduziu isso, porque é ser autoritário, e isso não ajuda o convívio e o respeito. Mas, mesmo nessa fala autoritária, ele falou: “Se estiver errado, teremos a oportunidade de corrigir”. E o questionei na hora sobre isso, porque não é questão de ter humildade, não é assim que se faz. Ainda assim, ele disse que faria as ciclovias e, se necessário fosse, ele corrigiria.

Então, vamos considerar que isso é possível: conciliar.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Obrigado. Antes de passar a palavra ao Secretário Sérgio Avelleda, a quem agradeço a presença, é bom deixar consignada a diferença de postura do governo anterior e deste governo. O Secretário de Transportes anterior sequer apareceu uma vez durante os quatro anos da Gestão Haddad. Para trazer representantes da Secretaria de Transportes e de outras Secretarias, nós precisávamos marcar quatro, cinco, seis audiências, até fazer a convocação. Assim, no acordo, conseguíamos trazer um representante.

E o governo do João Doria veio para respeitar e ouvir todos os munícipes. Está o exemplo de transparência, de dignidade, de seriedade, com a presença do Secretário Sérgio Avelleda. Sabendo que não compareceria o representante do Sr. João Otaviano, ele me ligou – saindo de uma reunião com o Prefeito – e disse: “Estarei presente porque é importante

conversarmos com a sociedade”. Então, peço uma salva de palmas. (Palmas)

O SR. SÉRGIO AVELLEDA – Meu líder, nobre Vereador Aurélio Nomura, se o senhor me permitir, posso falar em pé? Boa noite a todos da Mesa. Agradeço muito a oportunidade de estar dialogando com a comunidade. De fato, é uma diretriz do Prefeito João Doria, é uma convicção pessoal nossa: dialogar com a comunidade não é favor, não é concessão do administrador público, é dever; e não só um dever formal porque vivemos numa democracia, mas porque a gente acredita que se aprende e faz melhor quando se conversa. Acredito piamente nisso, de verdade.

Está comigo o Secretário Adjunto, o meu Chefe de Gabinete, o Rodrigo, Superintendente da SPTrans, e não é porque a gente está lá dentro que a gente sabe mais do que vocês. Mais do que o bairro, mais do que a avenida, mais do que o comércio local, mais do que o trânsito, não há ninguém que conheça mais do que vocês.

Então, hoje é uma oportunidade de aprendizado, por isso, em primeiro lugar, peço desculpas pelo atraso, pois estava num compromisso a pedido do Sr. Prefeito. Parece até que estou fantasiado, mas é porque estamos na campanha do Mês Amarelo. Abro um parênteses para pedir o apoio de vocês para a gente refletir muito sobre a violência no trânsito, pensar na imprudência, no que a gente faz, que a gente pode salvar muita vida. Não vou me estender, porque o foco é outro. Percebo que a grande polêmica é a questão das ciclofaixas, etc.

Sra. Soninha, se você me permitir, eu queria partir da sua fala. Infelizmente o tema ciclovia e ciclofaixa em São Paulo ganhou uma conotação de disputa, de interesses contrários. E reconheço, apesar de não gostar de fazer isso, pois também é uma diretriz do Governo Doria não falar de ninguém, de não criticar; mas, nesse caso, eu tomo a liberdade de falar que o principal problema é a falta de diálogo. O Sr. Evandro que me antecedeu já foi meu colega de trabalho. quando eu era do Metrô e ele era Diretor da EMTU, disse: “Se tivesse dialogado antes, a gente não estava passando esse perrengue que estamos passando hoje”.

Vou citar um exemplo da semana passada, nobre Vereador Aurélio: temos a

necessidade e implantar uma ciclovia em Pinheiros para conectar a estação da Linha Amarela de Pinheiros com a malha cicloviária. A gente tem que olhar para o transporte como um sistema, assim como o sistema de artérias e veias do corpo humano. Temos a aorta, por onde passa uma grande quantidade de sangue para alimentar todo o corpo, também temos artérias importantes, femural, a carótida, por onde passa bastante sangue, mas um pouco menos que na aorta. E lá na ponta, temos uma artéria pequenininha, microscópica, um vasozinho pequenininho para alimentar as células. Assim é na Cidade: nós temos uma linha de metrô, como a Linha 3, que transporta um milhão de pessoas por dia, vai e volta lotada de gente. E nós temos na rua, por onde caminha o pedestre, da porta da sua casa até o ponto do ônibus, onde ele vai para um terminal, pega um articulado, chega numa estação de metrô, pega um trem. É assim que funciona. A bicicleta participa de todo esse processo.

Quando a gente olha para um desses elementos: carro, ônibus grande, micro-ônibus, trem, metrô, sem olhar o resto, a gente erra. Qualquer um deles. Se fizer uma avenida desconectada dos meios de transporte, erra; se fizer uma linha de ônibus e não pensar em integrar com o metrô, com os ônibus intermunicipais, com os ônibus interestaduais, erra; se fizer calçada sem respeitar o desejo do pedestre, que é sair do terminal de ônibus, andar com conforto, para chegar à universidade, ao hospital, erra. E com a bicicleta é a mesma coisa: Se olhar só para a bicicleta e não olhar para o sistema como um todo, erra.

Então, em Pinheiros, onde tem a estação da Linha Amarela, tem um bicicletário enorme bonito, mas que está desconectado, portanto a gente precisa de ter uma rede cicloviária como essas que vocês elogiam: da Faria Lima, Frederico Herman, Pedroso de Moraes. E o que quero garantir a vocês, em primeiro lugar, em relação a expansão de ciclovia, é que ninguém, nunca, acordará com uma máquina em frente à sua casa pintando de vermelho a via, sem vocês saberem antes, sem dialogar. Nunca. Nesses quatro anos do Prefeito João Doria não há possibilidade disso acontecer.

Levamos esse caso de Pinheiros, primeiro, para o Prefeito Regional, a autoridade

que nos abre as portas do bairro e nos diz se é possível. O Sr. Paulo Mathias, de 26 anos, Prefeito Regional de Pinheiros, disse: “Acho que é possível fazer”. Então, falei: “Paulo, convide a comunidade local, ciclistas, para a gente conversar”. Começou a reunião, parecia que eu estava na zona desmilitarizada entre as duas Coreias: Comerciantes e ciclistas, essa disputa que virou esse assunto. Não tem nada a ver.

Os comerciantes começaram com uma fala muito legal, como ouvi de muitos aqui: “Não somos contra a ciclovia, somos a favor; mas é preciso fazer ajustes nessa ideia de vocês”. Esse projeto a gente já conhece, foi apresentado. Ouvimos todas as recomendações. Gente, é importante bicicleta. Está na Lei Federal. A Lei de Mobilidade Urbana manda as cidades investirem em ciclovia e bicicleta, está no compromisso do Brasil em reduzir a poluição. Menos um carro na rua, não há quem possa ser contra, racionalmente, o uso da bicicleta. Terminou a reunião, todo mundo muito bem, trocando cartão. Uma moça disse assim: “Eu vim para cá radicalmente contra a ciclovia, mas vou para casa simpática à ideia, porque fui respeitada, porque fui ouvida, porque as minhas sugestões serão consideradas”.

Se há dois, três anos, tivesse sido feito como hoje, com todos aqui, tenho certeza de que não estaríamos passando esse perrengue. Então, estou falando isso para firmar para vocês o nosso compromisso com este diálogo verdadeiro e sincero.

O Prefeito Michael Bloomberg, de Nova Iorque, o único Prefeito eleito três vezes em Nova Iorque, implantou muitas ciclovias, ciclofaixas, inclusive em Times Square, uma das avenidas mais famosas do mundo, por onde passava carro, era uma das mais movimentadas do mundo, foi fechada para os carros. A sua Secretária de Transporte, Janete, conta que ela ficou sete anos conversando com as pessoas. Ela sentava na calçada, conversava com cada um dos afetados, até construir o consenso e começaram a fazer as mudanças. É claro que isso gerou desconforto. Toda mudança gera desconforto. Agora quando não se respeita as pessoas, quando não se explica, quando não se aprende com as pessoas, o desrespeito é muito maior.

Então, rapidamente, olharemos para a situação da av. Bosque da Saúde, e irei pessoalmente conversar com os senhores, que sairão daqui com o meu cartão, meu telefone. Sábado passado, fui em Pinheiros, almocei no restaurante do Sr. Franklin, cortei o cabelo lá, porque estava sem tempo para cortar o cabelo, e ela me explicou tudo, mostrou por que ela será afetada, mostrou-nos uma alternativa. Isso é importante.

Portanto, comerciante é fundamental. Uma cidade só existe porque a gente tem vida, que depende de emprego, de renda, de imposto, de trabalho. Talvez alguns aqui saibam que não tenho carro, e uso bicicleta para quase tudo. Não vim para cá de bicicleta porque não conseguiria chegar, ou chegaria muito suado, mas amanhã cedo irei trabalhar de bicicleta. Aliás, amanhã é o dia mundial sem carro, o dia mais incentivado para ir ao trabalho de bicicleta.

Então, falo com um pouco de experiência: o ciclista não é inimigo do comércio, o ciclista não pode ser visto assim. E não podemos tratar esse assunto do ponto de vista ideológico, porque vejo alguns cicloativistas dizendo o seguinte: “nenhum centímetro a menos”. Como assim? Quer dizer que não podemos reconhecer que tem coisa errada, mal feita? Tem sim. Tem ciclovia que chamo de Guimarães Rosa, porque terminam no “nada”, que precisamos olhar por que ela foi feita. No futuro, será feita uma conexão? Há uma alternativa que possa ser feita, de maneira à comunidade aceitar melhor? Porque também é preciso de estrutura cicloviária.

A ciclovia da Paulista é ótima, a da Faria Lima é sensacional. Mas é preciso interligar uma à outra. A ciclovia da Berrini é incrível, a ciclovia mais ao norte também é boa, mas precisamos conectar uma à outra. Agora, precisa achar o espaço, precisa negociar, conversar, sem pressa, se meta. O que a Soninha falou aqui: não é com gincana. A outra gestão fez 400, nós precisamos fazer 600. Não, nós precisamos aumentar a participação da bicicleta no transporte da cidade de São Paulo, porque é econômico. Tem até uma lei aprovada na Câmara Municipal, Aurélio; estamos com dificuldade de regulamentar, mas existe. O sujeito

que trocar o ônibus pela bicicleta, parte da economia que a gente a Cidade vai fazer com ele – vocês sabem que a gente paga para as pessoas andarem de ônibus, já que uma parte da tarifa é subsidiada –, pois a pessoa que trocar está proporcionando economia para todos nós, cidadãos que pagamos impostos. Tem uma lei aprovada, não sou eu que estou inventando isso, para que receba uma partezinha dessa economia, um incentivo para usar a bicicleta. Agora, isso não pode ser visto, primeiro, com o conceito de que toda ciclovia é boa, não pode tirar nada. Calma, espera lá, tem coisas que precisam ser ajustadas, melhoradas, melhorar a utilidade, melhorar o uso, melhorar a vida das pessoas. Nenhuma ciclovia vai ser boa só porque ela foi feita na gestão anterior e precisa ser mantida.

Então um compromisso: olha, não dá para dizer aqui para vocês, porque seria demagógico da minha parte, que o problema está resolvido, que vamos mexer aqui, vamos mexer lá. Qual é o compromisso? Uma semana, Aurélio. Vem aqui, com você, com os prefeitos regionais. Vamos lá no Bosque da Saúde, vamos lá conversar. Vejo aqui que seguramente tem comerciantes que estão com o negócio lá. Vamos lá. Morador, evidentemente. Todas as pessoas são importantes. Vamos olhar para o mapa, vamos olhar para as alternativas, vamos ver o que é possível fazer, para, primeiro, mantermos a economia funcionando, as pessoas em ordem, mas também manter um incentivo à bicicleta, não simplesmente tirar sem oferecer nada. Às vezes vai tirar sem oferecer nada porque não tem lugar, não tem problema, mas a nossa política é buscar o equilíbrio, e terminar essa visão antagônica de que estamos em lados opostos. Nós vivemos na mesma cidade. Não tem ciclista se não tiver emprego e renda; não tem cidade saudável se todo mundo só puder andar de carro. Nós precisamos pensar juntos as soluções. A experiência de Pinheiros mostrou isso: o diálogo verdadeiro, não o formal, “vim aqui porque o Aurélio me chamou, vou lá”, não, verdadeiro, disposto a resolver o problema de vocês e disposto a manter uma política e melhorar, qualificar, dar qualidade para o uso da bicicleta como um modal alternativo de transporte que precisa crescer.

Permite eu me estender um pouquinho? Você me caça a palavra, Aurélio, porque o

pessoal também está cansado.

Cidades que hoje usam muita bicicleta, no Brasil e fora do Brasil, nem sempre foi assim. Começou difícil, as pessoas resistiam, e, aos poucos, foi crescendo. Agora isso não cresce, Evandro, e você tem toda a razão, simplesmente lançando, porque é preciso pensar, planejar, mas é preciso andar nesse equilíbrio. Não podemos andar só de um lado, como tempos atrás andaram, e, agora, andar só do outro lado.

Vou dar outro exemplo de sucesso, Aurélio.

Estive com o Prefeito em Seul, e voltei impressionadíssimo. Nós estamos lá com os nossos grandes e queridos amigos coreanos, negociando com as empresas coreanas uma grande reformulação, uma recuperação do bairro do Bom Retiro. Ontem tivemos uma reunião maravilhosa no gabinete do Prefeito. Os comerciantes vieram nos pedir para retirar as ciclovias das Três Rios, Silva Pinto e Prates. Aí fomos estudar. E essas ciclovias, diferentes destas, conforme vocês estão me dizendo, estão superconectadas. Tem uso, até o pessoal do comércio usa para entrega; mas eles reclamaram que tirou vaga de estacionamento. Olhamos para a rua, mede daqui, mede dali, conversa com um, conversa com outro, técnico vai para a prancheta, volta. Tivemos uma solução ontem aplaudida pelos comerciantes: manter a ciclovia, estreita um pouquinho, cria uma proteção, que chamamos de buffer, é um nome chique, e o carro vai poder voltar a estacionar, abrir a porta, sem atingir o ciclista. Do outro lado, libera estacionamento com zona azul no horário de vale; tira no horário de pique para dar fluidez para o ônibus. A Associação Comercial aplaudiu de pé; para o ciclista está mantida a ciclovia do jeito que ela está. Ou seja, tem soluções intermediárias. Não estou dizendo que essa é a solução para a saúde, o que eu estou dizendo é o diálogo, é ouvir, apreender, entender as demandas, com respeito a todos os cidadãos. Comerciante é fundamental, não pode ser visto nunca como adversário da Cidade, especialmente o pequeno comércio. A Soninha também foi muito feliz nisso. É quem gera o emprego, viu. Não é o Walmart que gera emprego, não, quem gera emprego é o pequeno empresário, o pequeno empreendedor, que gera renda familiar, que

movimenta a economia do bairro, que faz o ciclo virtuoso que faz com que um bairro fique mais rico, mais próspero, e as pessoas cada vez mais felizes. Isso pode ser respeitado. E a bicicleta pode se encaixar nesse modelo.

Estamos conversando com o Sebrae, por exemplo, agora, para fazer um convênio para atrair ciclista para o comércio, como fazer com que o ciclista pare e consuma também. O ciclista não pode ficar só passar direto e consumir fora, tem que ir lá, tem que participar da economia. Então é isso que queremos dizer para vocês: diálogo, muito respeito às pessoas, aos posicionamentos das pessoas, rapidez para tomar a decisão – não vamos enrolar, não é que eu estou vindo aqui para ganhar tempo. Nós vamos enfrentar essa questão da Av. Bosque da Saúde ouvindo vocês, ouvindo a câmara temática dos ciclistas, apresentando alternativas, construindo soluções.

Contem conosco, primeiro, para serem respeitado como cidadãos, empresários, pagadores de impostos, geradores de emprego e renda. Contem conosco para melhorarmos a mobilidade do bairro. Contem conosco para que a bicicleta continue sendo respeitada, qualificada, com mais estruturas, para que ela possa crescer na cidade.

Eu sou uma pessoa que acredito na harmonia, no diálogo e na construção de soluções dialogadas, Aurélio.

Obrigado. (Palmas)

O SR. AURÉLIO NOMURA – Minhas senhoras e meus senhores, nós vimos a diferença sendo aplicada na administração da nossa cidade.

NÃO IDENTIFICADO – Aurélio, eu só queria destacar que na gestão anterior, nos quatro anos do Prefeito anterior, nós não conseguimos ser sequer recebidos, a Associação Comercial. Para a nossa sorte, nós já fizemos o primeiro encontro agora no mês de abril, onde estavam presentes todos os superintendentes das 15 distritais, com os 32 menos 1 subprefeito, que estava doente e justificou, dentro da Associação Comercial. Nós já conseguimos estabelecer um diálogo. Diferente das audiências públicas que tivemos aqui, gritando no vazio,

hoje nós temos um secretário, o que muito nos honra nesta Casa. Há muito tempo nós não recebíamos aqui, mas nós já recebemos prefeitos aqui e tudo. Ou seja, estamos voltando ao diálogo. É aquilo que eu falei no começo: a gente está buscando harmonia. O objetivo de todos aqui é ser feliz em São Paulo; ninguém quer morar em São Paulo e ser feliz em outro lugar, nós queremos ser felizes aqui, com conflitos, com dificuldades, mas precisamos ser felizes, esse é o nosso objetivo nesta cidade, senão não vale a pena ficar aqui, é melhor ir embora mesmo. Então eu queria ressaltar, deixar o registrar, dar os parabéns aos nosso Superintendente Anis, pela disponibilidade. Contem com a gente, assim como você se colocou aqui à disposição. A Associação Comercial vai estar aberta para buscar o conflito, oferecendo o nosso espaço, o nosso trabalho, trazendo os nossos associados para cá. Contem conosco. Estamos à disposição. Muito obrigado, Aurélio, pela brilhante iniciativa. Temos muito mais coisas pela frente – discutimos uma rua somente, mas vamos em frente. Oferecemos levar esse debate ao longo da cidades, nas 15 distritais da Associação Comercial. Já está posto o convite para quando vocês quiserem. Viu, Soninha, você será sempre muito bem-recebida. Aurélio, muito obrigado. (Palmas)

O SR. AURÉLIO NOMURA – Na realidade, a gente vê a grande diferença que nós temos o que nós pretendemos implantar na nossa cidade. É uma questão democrática, com debate, discussão, transparência, e, acima de tudo, trabalho. Eu acho que essa é a nova postura desse governo.

Nós ouvimos o Rodrigo Sartorato Alencar sobre aquela questão que nós falamos, da faixa de ônibus também no Bosque da Saúde. E queria que o Secretário, quando viesse para a discussão do Bosque da Saúde, discutisse também a Av. do Cursino, a questão da faixa de ônibus.

Existem quatro pistas de rolamento, sendo duas exclusivas, e nós temos uma dificuldade muito grande de circulação. E não existe a necessidade de a faixa ser exclusiva. Há necessidade, vamos dizer, em determinado período. Então poderíamos discutir.

Antes de encerrar, eu gostaria de passar a palavra ao nosso anfitrião, o Sr. Anis Kfouri Júnior.

O SR. ANIMAIS KFOURI JÚNIOR – Secretário, com grande alegria, queria registrar publicamente o seu compromisso de vir à nossa distrital. Infelizmente a CET não está presente, mas V.Exa. nos brindou com uma verdadeira aula, e demonstrou...

NÃO IDENTIFICADO – O representante (?) da CET chegou aqui.

O SR. ANIMAIS KFOURI JÚNIOR – Ah, que bom. Mas fico muito contente que nós tivemos uma aula. Você falou que é um professor, e realmente não perdeu essa maestria.

Eu queria trazer uma reflexão para todos.

O Secretário e a Soninha aqui nos brindam com a sua presença. Soninha, seja bem-vinda, a casa é sua, está de portas abertas também. Queria trazer uma reflexão para todos nós.

O Secretário falou de polarização ciclista-comerciante. Nós vivemos no Brasil, nos últimos anos, uma polarização de todas as ordens – nós e eles, sou eu e você, todos contrários. Nós somos todos brasileiros, moramos todos na mesma cidade, queremos todos o mesmo objetivo. A polarização, Secretário, e eu queria até fazer uma reflexão, que é até um livro que eu escrevi sobre advocacia, que é entender os conflitos humanos. Mas o que eu falo é que o trânsito é o lugar onde nós percebemos os conflitos humanos de maneira mais imediata. E não se trata de ciclista e comerciante, se trata de ciclista e motoboy, de motoboy e pedestre, de pedestre e carro, onde uma pessoa atravessa fora da faixa, com fone de ouvido, olhando para o chão, e se o motorista buzinar ele ainda xinga você, onde o pedestre acha que tem o direito de se jogar na frente do carro porque todo mundo é obrigado a parar para ele. E isso, inclusive, caiu no meu exame de ordem, numa prova minha da faculdade: o sujeito bêbado atravessa a rua e é atropelado. Se ele era obrigado a pagar o conserto. Ele quebrou as costelas, teve fratura. E os alunos ficaram todos com dó: “Coitado, ele já quebrou as costelas”. E a resposta correta era ele que causou o acidente, ele era culpado.

Eu me recordo que logo que teve a Lei Seca – a última, né, porque nunca se pôde dirigir bêbado, e não sei por que tem uma campanha – eu socorri uma pessoa, e quem estava bêbado era o pedestre. Ele saiu bêbado na rua, atravessou e causou um acidente. O que falta, na verdade, e aí eu trago a reflexão aos senhores, não é mais a dicotomia ciclista-empresário, motoboy-carro, mas é nós nos colocarmos no lugar dos outros.

E comentava há pouco tempo, dois meses atrás, com o guarda Luizinho, o famoso guarda Luizinho. Para quem não lembra, é de uma geração mais nova, o guarda Luizinho ficava do lado do Mappin, e quando um carro passava a faixa, ele, de uma maneira muito simpática, dava uma verdadeira lição de moral: “já que o senhor parou com o seu carro em cima faixa, então o senhor abre a porta do carro e deixa o pedestre passar dentro do seu carro”. O pedestre entrava pela porta do passageiro, pulava os bancos. Brincando, ele ia colocando ordem no trânsito. O que eu digo é que o estado precisa estar presente, porque nós sonhamos com uma sociedade utópica em que todos, quando bateu o carro, qualquer desavença, a primeira coisa que falam diz: “não, pago eu o conserto” e o outro vai dizer: “Não, por favor, não se preocupe. Pago eu.” Essa é a sociedade ideal, utópica. Mas essa sociedade, nós não chegamos nesse nível. Muitas vezes, aquele apito do guarda, aquela orientação, aquela condução dizendo vai por aqui ou por ali traz paz social.

Então, quero dizer, Secretário, que V.Exa. tem uma missão muito importante para Cidade - que me perdoe o Prefeito -, mas eu acho que a brutalidade toda dessa Cidade passa pelo trânsito. Se a gente tiver bicicleta um dia em tal monta, o dia que tiver greve de ônibus não vai ter problema, pode fazer greve. Mas temos de fomentar de maneira produtiva. Eu gostei muito da sua fala, confesso que fiquei muito bem impressionado. Vejo aqui, tenho amigos ciclistas, amigos empresários e sei que todos têm realmente boas ideias.

O que precisamos é acabarmos no Brasil com esse discurso de nós e eles. Porque nós somos todos. Não adianta querer achar que o problema é do outro. Então quero agradecer de coração a sua presença que sai de uma reunião e nos brinda com uma verdadeira aula. Eu

acho que é isso que precisamos colocar.

Outro exemplo que também gostaria de deixar para reflexão, discutir também a questão da velocidade. Mais velocidade? Menos velocidade? Outro dia eu disse em sala de aula que se colocarmos a velocidade a zero quilômetro ninguém mais morre. É fato.

Um avião anda a 400 Km, 800 km, só que ninguém sai costurando o outro, ninguém desrespeita as regras, a pista é boa, existe regra, um avião não corta o outro, ninguém quer ser esperto. Então, há regra e todos respeitam o jeito do outro. Quando um respeita o jeito do outro, a vida é harmônica. É isso o que estudamos na faculdade de Direito e é isso que prego todos os dias nessa missão voluntária. Secretário, eu junto com meus valorosos conselheiro e registro a presença do Dalton, que é superintendente do Ipiranga, o Chapina, vice-presidente, trabalhamos todos os dias. Quero agradecer muito a sua presença, parabenizá-lo pela fala.

Aurélio, você foi muito feliz com a sua proposição e quero cumprimentar os senhores presentes porque deram uma lição de cidadania estando presentes em um dia de semana que poderiam estar vendo futebol.

Soninha, parabéns pela sua visão. Você que é uma ciclotivista mais consciente de dizer que precisamos somar esforços. Fico feliz em tê-la conosco nesta noite. Não posso deixar de cumprimentar o capitão Rômulo, que também defende o uso da bicicleta pela polícia. Capitão, parabéns pelo seu trabalho.

Quero cumprimentar o inspetor Matias, da Inspeção Regional da Vila Mariana da Guarda Civil Metropolitana, obrigado pela presença.

Quero cumprimentar também o Adriano e agradecer o Samir, o Pedro, o Valdir – a quem sucedi –, o Chapina, o Gilberto e a todos os conselheiros. Faço um convite para que visitem esta casa e que participem conosco da Associação Comercial. Marcela é a nossa ex-coordenadora, o que precisar, ela está aqui à disposição de vocês junto com a Juliana.

Muito obrigado, parabéns. Boa noite e vamos com Deus. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Finalizando, o Domiciliano vai fazer a

entrega da solicitação com relação à ciclofaixa.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Aurélio Nomura) – Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente audiência pública. Obrigado a todos.